

De Deus fêz-se um cífrão imenso, extraordinário,
Inventou-se o ritual de um Cristo estranho e novo
E fêz-se a exploração sacrílega do povo
Sobre a tragédia santa. excelsa do Calvário.

Ó Igreja, esquece ao longe as indústrias da cruz,
Só o Amor é farol no humano sorvedouro,
Deixa ao mundo infeliz as caixas-fortes de ouro
E volta enquanto é tempo aos braços de Jesus!...

A. Guerra Junqueiro

(Poesia recebida em Pedro Leopoldo em 14 de agosto de 1935)

CARNE

Algema tenebrosa é a carne louca
Onde o espírito, em lágrimas, se prende,
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pus das fistulas da bôca.

Viver entre os sentidos incompletos,
Na existência das causas fragmentárias,
Começando nas dores solitárias,
Da vida melancólica dos fetos.

Vaso de tegumentos e de humores
É o corpo, imagem viva do defunto,
O miserabilíssimo transunto
Das condições mais tristes e inferiores.

Desprezar tôda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quase
Da consciência divina à horrenda fase
Da irracionalidade primitiva.

Carne!... Nossa amargura original,
Antes, sobre o planeta nunca houvesse
O princípio ancestral da tua espécie,
Nos mistérios da Vida Universal!...

Augusto dos Anjos

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 25 de setembro de 1935)

O MONSTRO

Vi um monstro pairando sobre a Terra
Como um corvo de garras infinitas,
Cobrindo multidões tristes e aflitas:
Visão de luto e lágrimas que aterra!

Vi-o de vale em vale, serra em serra
E disse: — “Quem és tu que abres e excitas
Os pavores e as cóleras malditas?”
E o Monstro respondeu: — “Eu sou a Guerra!

Não há forças no mundo que me domem.
Sou o retrato fiel do próprio homem,
Que destrói, luta e mata e vocifera!

Venho das trevas densas, da voragem,
Dos abismos de dor e da carnagem,
Para mostrar ao homem que ele é fera!...

Antero de Quental

(Soneto recebido a 10 de outubro de 1935)

PRECE DE NATAL

Senhor, desses caminhos côn de neve
De onde desceste um dia para o mundo,
Numa visão radiosa, linda e breve
De amor terno e profundo,
Das amplidões augustas dos Espaços,
No teu Natal de eternos esplendores,
Abriga nos teus braços
A multidão dos seres sofredores!...

Que em teu Nome
Receba um pão o pobre que tem fome,
Um trapo o nu, o aflito uma esperança.
Que em teu Natal a Terra se transforme
Num caminho sublime, santo e enorme
De alegria e bonança!

*Apesar dos exemplos da humildade
Do teu amor a tôda a humanidade
A Terra é o mundo amargo dos gemidos,
De tortura, de treva e impenitência,*

*Que a luz do amor de tua Providência
Ampare os sérres tristes e abatidos.*

*E em teu Natal, reunidos nós queremos,
Mesmo no mundo dos desencarnados,
Esquecer nossas dores e pecados,
Nos afetos mais doces, mais extremos,
Reviver a efeméride bendita
Da tua aparição na Terra aflita,
Unir a nossa voz à dos pastôres,
Lembrando os milagrosos esplendores
Da estrela de Belém,
Pensando em ti, reunindo-nos no Bem
Na mais pura e divina vibração,
Fazendo da humildade
Nosso caminho de felicidade,
Estrada de ouro para a Perfeição!*

Carmen Cinira

(Recebida em Pedro Leopoldo em dezembro de 1935)

SOMBRA

*Quem só tem alma para oferecer
No mundo, é um coração êrmo e faminto...
A incomprensão é amarga como absinto,
Roubando a vida, envenenando o ser.*

*Todo o mal do idealismo é conhecer
As fôrças antagônicas do Instinto
No coração, vesúvio nunca extinto,
Insaciado no Amor e no Prazer.*

*Todos aquêles que me conheceram
Na senda de ilusões e fantasias,
Chorem comigo pelo que hoje sou!*

*Sou a sombra dos sonhos que morreram
Contemplando nas ruínas mais sombrias
O meu castelo que se espedaçou.*

Hermes Fontes

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo a 24 de julho de 1935)

VOZES DA MORTE

*No mundo para vós ainda impreciso
Que a ciência da Terra não pondera,
Eu via a Morte, em forma de quimera,
Como um Anjo de Dor, vago e indeciso.*

*E murmurei: — “Ó Morte, eu bem quisera
Que me desses no Nada um paraíso!...
Porque, anjo da dor, se faz preciso
Da tua espada que nos dilacera?”*

*E ela disse: — “Sou a própria Vida Errante,
Que tudo envolve em luz resplandecente,
Vida renovadora e triunfante*

*Para que eu leve a alma à Glória Eleita
De ser pura e sublime, alva e perfeita,
É preciso lutar eternamente!”*

Antero de Quental

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo)

NOSSOS MORTOS

*Os que se vão nas mágoas e na poeira
Dos caminhos da morte sotterrados,
Levam consigo a imagem derradeira,
A visão dos seus mortos bem amados.*